

Cornos humanos

Uma observação

por

Heitor Silveira

Os deuses da mitologia traziam cornos, como sinal de potestade. De monstruosidade, porém, é a significação dos cornos que a Natureza, na época contemporânea e de longe em longe, faz brotar na raça humana.

Próximo á hidrópolis de Iraí vive uma mulher, de 70 anos de idade, chamada Leopoldina Bonhold (tenho autorização para declarar esse nome), natural de S. Leopoldo, neste Estado, viuva, portadora de enorme corno implantado na região temporal esquerda, a 9 cms. para cima do conduto auditivo externo, segundo uma linha vertical passando pelo mesmo, e a 2 cms. para a frente dessa linha, na altura citada.

A implantação se faz no tecido celular subcutâneo e não tem ligação com o osso subjacente, podendo sobre êste deslizar, em qualquer sentido, num raio de um centímetro mais ou menos. A pele sobe pelo corno, formando um manguito circular, com altura de 8 cms. na face externa e menor na interna. A extremidade implantada, lisa, arredondada, semelha uma superfície articular. De consistência córnea, achatado lateralmente, apresenta uma face externa e outra interna, um bordo anterior e outro posterior, ambos rombos. Em toda a sua extensão, tanto na face externa como na interna, que são levemente estriadas no sentido perpendicular, corre uma ranhura longitudinal e mediana, com profundidade e largura de um milímetro, mais ou menos.

O corno, de cor cinzenta opaca, se dirige inicialmente para baixo e para traz e curva-se em seguida para dentro, para traz e para cima, de tal maneira que a face interna se torna externa. Segue o tipo de incurvação dos chifres de carneiro, com os quais aliás muito se assemelha.

A ponta distal se tem quebrado repetidas vezes. O comprimento do corno é de 14 cms.; no meio do chifre a circunferência mede 4 cms., a largura 1,50 cm. e a espessura 8 mms. Tem 12 gramas de peso.

No lado direito do crânio, em ponto simétrico, existe um pequeno tumor com a sintomatologia dos cistos cebáceos.

Nos antecedentes pessoais de d. Leopoldina nada justifica a excrescência córnea. Não ha casos semelhantes em sua familia, que é enorme, principalmente a descendência.

O corno apareceu ha 8 anos, e durante 5 ficou como atualmente está o tumor do lado direito, mas sem traumatismo nem causa externa de que a paciente se recorde começou a crescer, e nestes 3 últimos anos atingiu as atuais dimensões.

Indolor, provoca crises passageiras de dor, quando de qualquer forma traumatizada fica a zona de implantação ou quando o cabelo, enlean-

do-se no chifre, o puxa de muito para um ou outro lado. Para evitar o aparecimento da dor, d. Leopoldina não se deita em posição lateral esquerda.

A princípio dissemos que os deuses mitológicos traziam cornos, como símbolo de poderio e de força. Dois chifres abrangendo um globo luminoso, tal era a representação dos deuses solares gregos. Isis, a deusa mais popular no culto público, era representada com dois cornos de vaca, símbolo da maternidade.

Da mesma forma, Baal, o deus supremo da mitologia fenícia, o ser único e universal de cuja substância emanava o mundo material, o “deus por excelência”, o “ser absoluto”, Baal também se apresentava com cornos, de carneiro ou de touro. Júpiter Ammon é figurado às vezes com um círculo sobre a cabeça, á maneira egípcia, e cornos de carneiro, recurvos para traz. Termo fenício, Ammon significa calor ardente, e os cornos de Júpiter representam os raios solares.

Certas bíblias antigas mostram êsses índices luminosos sobre a cabeça de Deus.

O homem, em todos os povos, em todos os tempos e em todas as religiões, deu fé á crença em espíritos dotados de poder superior, coexistentes e geralmente contrários ao poder da entidade suprema ou creadora das coisas. Refiro-me aos demônios, que sempre e por toda parte são representados com um par de cornos. E não são poucos os demônios, pois os anjos que pecaram, segundo a opinião mais comum entre os teólogos, correspondem ao terço dos anjos, conforme as palavras do Apocalipse, quando se refere á batalha do céu: “o dragão arrastou consigo a terça parte das estrelas”.

Ainda, segundo as lendas mitológicas, cita-se que Hercules, vencedor de Aquelau, arrancou a êste o corno e o deu ás ninfas que o encheram de frutas e de flores. Júpiter, satisfeito, comunicou a êsse corno o poder maravilhoso de nunca esvasiar-se, e assim se formou a cornucópia, símbolo da fartura e da fecundidade do solo.

Baco, a cujo nome os gregos associavam ideia de inspiração e de furor orgíaco, aparece ora sob a forma de um deus eternamente jovem, quasi desnudo, rodeado de sátiros, de ninfas e de crianças aladas com formas afeminadas ou hermafroditas, ora aparece sob feição mística, barbudo e de cornos, emblema da potência do vinho.

Diz a mitologia que Pan nasceu monstruoso, com o corpo coberto de pelos, pés de carneiro e cornos na fronte. Apenas vindo ao mundo, começou a brincar e a dar gritos de alegria, que ressoaram pelas montanhas. Sua mãe assustada fugiu, mas Mercúrio o recolheu e o levou ao Olimpo, onde os imortais se regosijaram ao vê-lo.

Mas aos poucos os cornos vão perdendo o prestígio divino. Deuses secundários já os usam. Assim, os sátiros e os faunos, que em turba inquietam os bosques sagrados, em eterna perseguição ás ninfas, representando os poderes vitais da natureza, na plenitude de seu vigor.

Miguel Angelo esculpiu o seu grande Moisés com cornos e barba imensamente crescida, para indicar no mais alto gráu a soberania das Taboas da Lei.

Entretanto, com o imperador Andronius, os cornos perdem definitivamente seu significado de divindade, e passam a representar o triste e irrisório estado moral do cônjuge enganado pela prevaricação do outro.

Na espécie humana são pouco numerosos os casos de cornos assinalados por médicos e curiosos. Para ilustrar o de dona Leopoldina, transcrevo a seguir os mais célebres da literatura mundial, citados pelo doutor Houssay, na Pro-Medico (n. 1 de 1934).



Nos homens, nem só na cabeça crescem chifres, mas em qualquer parte do corpo, e se apresentam ora curtos ou longos, ora retos ou curvos. Appien relata a história de um monstro nascido na Grécia, no ano 40 antes de Cristo, que era a imagem do demônio: tinha dois cornos de bode, rictus de cão, asas de moreego, cauda de vaca e pés de passaro.

Em 1.223, na cidade de Radstadt, nos estepes nórdicos, região denominada Taurus, nasceu uma criança cornuda. Mas, segundo Lycos-

thenes, não foi essa a única originalidade, pois que vagidos foram ouvidos 14 dias antes do nascimento.

Marco Polo, o nobre viajante de Venesa, conta no "Livro das Maravilhas", que encontrou homens cornudos na Asia Central e, num documento do século XIII, Jehan, "Rei Todo Poderoso de Todos os Países Cristãos" diz ao imperador de Roma, ao rei de França e aos seus amigos, entre outras menções de maravilhas e tesouros de seus Estados, que "em uma parte de suas terras, no deserto, vive uma espécie de homens com cornos e com um olho adiante e tres a quatro atraz e que ha mulheres semelhantes aos homens".

No burgo de Damenwald, próximo a Wistock, a mulher de um lavrador deu á luz uma criança com cabeça cornuda, olhos proeminentes, boca larga, sem pescoço e braços fixados nas ancas.

Gauthier e Rubeaquense falam de uma criança, nascida de pais nobres mas de horrivel aspecto: os olhos lançavam chamas, as narinas eram como as de boi, dois cornos no alto da cabeça, corpo erigado de pelos, caras de macaco no lugar das mamás, longa cauda. Essa criança viveu quatro horas.

Em Quiero, perto de Turim, segundo Paré, veiu ao mundo uma criança que tinha na cabeça cinco cornos semelhantes aos de carneiro e um apêndice carnudo que lhe caía ao longo do dorso, como uma capa de mulher. Os lábios eram do formato de bico de ave de rapina. Diz-se que deu tão extranho e tão alto grito ao nascer, que as parteiras se amedrontaram e as outras mulheres, que as ajudavam, fugiram de medo.

Outro monstro nasceu em Walterfordorfi, perto de Friburgo. Martin Luter assim o descreve: tinha quatro pés de boi, olhos, boca e focinho de vitela, e uma massa de carne vermelha no ápice da cabeça. Além disso, uma fronte horrivel com dois chifres de carneiro.

Os cornos podem aparecer em qualquer parte do corpo: rosto, mãos, glande etc. Aldrovandi menciona uma criança com uma espada no ventre. Essa espada era um corno que nascia do umbigo. No mesmo sentido, Marcus Erytschius fala de uma criança, nascida na França, ao tempo de Carlos V, "com uma ponta de faca saindo dos flancos". O monstro de Ravene, no século XVI, apresentava na testa um corno único, recurvado para traz.

Ainda ha mais exemplos. Assim a Henrique IV foi apresentado um camponez com um corno de carneiro no lado direito da frente. Quando o cornudo morreu, algum maldoso escreveu-lhe o seguinte epitafio:

Dans ce petit endroit à part,

Gît un très singulier cornard,

Car, il le fut, sans avoir femme.

Passant, priez Dieu pour son âme!

Ha também monstruosidades femininas. A bela Maria Davys trouxe alarmada a cidade e a côrte do bom rei Henrique, que aliás mostrou não pequeno interesse por aquelas aberrações ectodermicas... Possuia Maria Davys dois cornos regulares que, mergulhados em vasta cabelleira, emprestavam uma particular malícia á fisionomia bonita e atraente

da jovem. Uma cunhada, cornuda também, arranjou as coisas de maneira a tirar do infortúnio motivos de estética relativa. Mistress Allen de Leicestershire, assim se chamava ela, evitou prudentemente que lhe tirassem os cornos; conservou-os como ornamento original... á curiosidade masculina. A história amorosa do tempo resa que Mistress Allen não se arrependeu, porque os corninhos lhe foram motivo de íntimas alegrias, durante uma longa vida, passada entre jardins floridos e fina galanteria.

Menos alegre foi a existência de Margarida Mainers, mulher de um pobre homem de Purmerent, na Holanda. Em consequência das tristezas que curtiu, assistindo a vida depravada de um seu filho, Margarida viu crescer em sua têmpera direita um corno que atingiu 12 dedos transversos de comprimento; ela o fazia voltar-se para cima da cabeça e o escondia com uma fita.

Finalmente, cita-se na época contemporanea, a viuva Dimanche, na França, cujo corno frontal, largamente implantado, desce a principio, recurva-se ao meio da face e segue depois para frente, ficando a ponta abaixo do mento.

O caso de dona Leopoldina aproxima-se muito ao de Couillaud: num velho de 70 anos de idade, no espaço de 3 anos, cresceu um corno de 14 cms. na região esterno-clavicular. Também notavel é o descrito por Smirnoff: Numa donzela, de 17 anos, desenvolveram-se cornos em toda a região cutânea.

Eis, senhores, o que me ocorreu contar-vos a respeito da felizmente rara afecção de dona Leopoldina Bonhold.

TRATAMENTO MODERNO DA EPILEPSIA

Baseado no estudo do equilíbrio
ácido-básico no epiléptico

Anepon

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, sob o numero 261,
de 6 de Agosto de 1939

experimentado no Hospital Nacional de Alienados e no Instituto Oswaldo Cruz, no Laboratório de Química do professor Carneiro Felipe.

O ANEPON é fabricado no
LABORATORIO MEDICO BRASILEIRO
DISTRIBUIDORES: ECELEPTO LEGNY & CIA-CP-2082-Pelo de Janeiro

